

A ATUAÇÃO DE CIENTISTAS SOCIAIS JUNTO A MOVIMENTOS DE CATADORAS(ES): reflexões a partir de uma experiência de extensão universitária

Gabriel Sattler¹

Resumo: De caráter ensaístico, este texto apresenta uma reflexão sobre a atuação de cientistas sociais em projetos de extensão universitária a partir da experiência do autor como bolsista em um projeto desenvolvido pelo Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa (NEGA), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em parceria com o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). A iniciativa teve como objetivo realizar um levantamento inicial junto a cooperativas e associações de catadoras(es) de materiais recicláveis de Porto Alegre, buscando compreender aspectos organizacionais, produtivos e políticos dessas organizações após os impactos das enchentes de 2024. Por meio de metodologias mistas e participativas, a pesquisa produziu um diagnóstico sobre desafios e potencialidades das cooperativas, evidenciando a centralidade do trabalho das catadoras(es) na cadeia da reciclagem e, ao mesmo tempo, a persistente invisibilidade social da categoria. A partir dessa experiência, o texto discute o papel das ciências sociais na produção de diagnósticos, na mediação entre diferentes atores sociais e na construção de estratégias de intervenção voltadas à transformação social.

Palavras-Chave: Ciências Sociais; Atuação Profissional; Pesquisa Aplicada; Catadoras e Reciclagem.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o debate sobre a expansão da atuação profissional dos cientistas sociais (podendo-se entender também como sociólogos, antropólogos e cientistas políticos) têm ganhado bastante relevância na universidade e no meio acadêmico brasileiro. Em parte, isso parece decorrer do fato de que a maioria dos formandos em Ciências Sociais opta pela carreira acadêmica, na qual a oferta de bolsas não é suficiente para o número de alunos. Soma-se a isso a falta de familiaridade, tanto do mercado quanto de diversos setores da sociedade, com as práticas e metodologias técnicas das ciências sociais. Um terceiro fator a ser apontado é a limitada familiaridade dos próprios cientistas sociais (cuja formação é primordialmente acadêmica) com o mercado.

Esse processo de “abertura” parece ainda estar em curso, surgindo cada vez mais coletâneas e dossiês (como este) que dão atenção a experiências e trajetórias que diversificam a nossa atuação profissional, resultado claro do movimento de cientistas sociais que se aventuram em novos campos. Dessa maneira, o objetivo deste texto é justamente contribuir

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. gabriel.sattler16@gmail.com

com o compartilhamento de experiências de trabalho oriundas do nosso curso, de modo a expandir as nossas possibilidades de atuação e contribuição profissional e técnica como cientistas sociais.

A experiência aqui narrada consiste na minha atuação como bolsista de extensão em um projeto do Núcleo de Estudos em Gestão Alternativa (NEGA), vinculado à Escola de Administração (EA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria com o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)². O projeto foi criado no final de 2024 após o impacto das enchentes nas cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis da cidade de Porto Alegre (RS)³. O objetivo principal do projeto foi prestar apoio sistemático e técnico à gestão interna dessas organizações, de forma a fortalecer a categoria das(os) catadoras(es) e a reciclagem popular da cidade, essenciais do ponto de vista ambiental, social e político.

Dessa maneira, o projeto começou pela realização de um levantamento inicial sistemático e participativo de 11 cooperativas e associações da cidade de Porto Alegre durante o ano de 2025, com o objetivo de identificar um perfil comum por meio da classificação de níveis de maturidade em cinco eixos (Organização do Trabalho, Organização da Produção, Gestão Financeira, Comercialização e Articulação Política e Social) dos empreendimentos. O projeto utilizou metodologias mistas e participativas, combinando elementos quantitativos e qualitativos para o levantamento dos dados. A metodologia consistiu na aplicação presencial de dois instrumentos: a) Questionário Semiestruturado com a direção e liderança dos empreendimentos; e b) mediação de conversa com as trabalhadoras e trabalhadores sobre os cinco eixos citados, nomeada Perguntas de Aprofundamento.

Mesmo que os desdobramentos dos resultados do levantamento inicial ainda estejam acontecendo, esta narrativa vai focar na experiência do ano de 2025, descrevendo reflexões e desafios sobre as contribuições das ciências sociais em práticas extensionistas e grupos interdisciplinares, considerando que o grupo continha uma variedade de estudantes e professores dos cursos de administração, administração pública e social, ciências sociais, direito e economia. Outro ponto que será descrito são reflexões sobre os próprios

² O Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis é uma organização social brasileira criada no início dos anos 2000, que articula catadores e catadoras de materiais recicláveis em todo o país. O movimento atua na defesa de direitos, no reconhecimento da categoria profissional e na promoção da inclusão social e econômica desses trabalhadores, além de incentivar a organização autogestionária em cooperativas e associações.

³ As experiências de cooperativismo e trabalho associativo muitas vezes se inserem no campo mais amplo da economia solidária, caracterizado por formas alternativas de organização da produção e do trabalho (Leite, 2009).

desdobramentos da pesquisa: o que acontece depois de uma pesquisa? Que ações são possíveis a partir dos dados? Como a produção científica das ciências sociais pode contribuir com a sociedade?

Assim, a partir desta narrativa, busco refletir sobre contribuições e aplicações dos conhecimentos das ciências sociais para além do campo acadêmico e da docência, focalizando na contribuição-chave do cientista social para a realização de intervenções e projetos que visem à transformação social.

OS CIENTISTAS SOCIAIS VÃO PARA ALGUM LUGAR?

Não consigo iniciar este texto sem comentar uma ideia que parece circular em meios fora da universidade – e às vezes até dentro dela – sobre o curso de Ciências Sociais e as humanidades em geral: a ideia de que não teremos emprego. Esse imaginário parece estar atrelado à falta de valorização, no Brasil, de carreiras tradicionalmente associadas às ciências sociais, como professores do ensino básico e médio ou a carreira de pesquisador acadêmico.

Se seguirmos essa perspectiva, de fato as ciências sociais parecem cursos menos atraentes em termos profissionais quando comparadas com outros cursos mais “mercadológicos”, como administração ou publicidade. Assim, falar sobre “quais lugares vamos” ou “podemos ir” também significa falar sobre as oportunidades de carreira apresentadas no contexto brasileiro, muitas vezes marcadas pela escassez de oportunidades. Nesse cenário, a chamada “expansão profissional” parece surgir como uma alternativa frente à falta de bolsas nas universidades e às poucas vagas em concursos públicos e instituições de ensino para as áreas de humanidades.

Chegando ao fim da minha graduação e com essa preocupação latente sobre “para onde iria”, comecei a buscar oportunidades fora da academia, como estágios em empresas, órgãos públicos ou bolsas que me proporcionassem experiências mais práticas; algo que pudesse tornar meu perfil mais atraente caso me candidatasse futuramente a um emprego fora da universidade⁴. Buscando informações sobre bolsas no Departamento de Administração da UFRGS, encontrei o NEGA, grupo extensionista que estava ofertando uma vaga de bolsista de extensão para atuar em um projeto em parceria com uma entidade externa, o MNCR. Tratava-se de uma bolsa para atuar em uma pesquisa aplicada com a temática socioambiental

⁴ Vale ressaltar que antes de encontrar o NEGA tive a oportunidade de estagiar no início da graduação em órgãos públicos, como a Prefeitura Municipal de Porto Alegre e a Secretaria da Saúde do Estado do Rio Grande do Sul, atuando com a gestão de programas e políticas sociais na cidade, experiências fundamentais para o amadurecimento de minhas reflexões e perspectivas profissionais.

– tema que me atraía bastante após o desastre climático de 2024 em Porto Alegre e região metropolitana.

Embora tivesse tido pouca experiência trabalhando com a questão dos resíduos sólidos urbanos e com catadoras(es), a temática da sustentabilidade sempre me chamou a atenção durante a graduação, interesse fruto de uma disciplina chamada Sociologia da Questão Ambiental e das mudanças climáticas que têm se intensificado ao longo dos anos. Outro ponto foi a minha curiosidade em trabalhar em conjunto com outros departamentos que partem de diferentes linhas de conhecimento. Como resultado desse movimento entre aulas, curiosidade e oportunidade, emergiu a experiência que orienta este trabalho, apresentada a seguir.

TRABALHANDO COM MOVIMENTOS SOCIAIS E CATADORAS(ES)

O projeto denominado “Apoio a cooperativas e associações de catadoras(es) de materiais recicláveis em Porto Alegre” era bastante recente. Criado a partir da iniciativa de dois alunos e uma professora⁵, o projeto visava propor ações sistemáticas de apoio a grupos de catadoras(es) em Porto Alegre, evidenciados pela vulnerabilização territorial climática após as enchentes na cidade em 2024. Com o financiamento para as ações do projeto, entrei como bolsista de extensão no primeiro semestre de 2025.

Em sua fase inicial, o objetivo do projeto, embora ambicioso, não era tarefa fácil. Afinal, somente na cidade de Porto Alegre existiam 22 cooperativas e associações. Assim, surgia a questão: como prestar apoio a todas elas? Todas seriam beneficiárias do apoio? Qual tipo de apoio seria prestado pela universidade? Uma vez que o grupo era composto majoritariamente por alunos e professores do Departamento de Administração, a escolha mais evidente parecia ser a oferta de uma assessoria à gestão interna das organizações, proposta apoiada pelo Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) em Porto Alegre.

Um dos grandes desafios do projeto residia no fato de alinhar os conhecimentos de diferentes áreas do saber, os interesses de diferentes atores (stakeholders), bem como a dificuldade de planejar uma ação coordenada que levasse em consideração a localização das organizações em diferentes regiões da cidade e os horários de trabalho de cada grupo. Diante dessas questões sobre como agir frente a um problema social de alta complexidade, o primeiro passo foi compreender melhor os problemas e a realidade das catadoras(es), culminando na realização de um marco zero, denominado *Levantamento Inicial*.

⁵ Uma das alunas era do curso de Ciências Jurídicas e Sociais e o outro aluno e professora do curso de Administração Pública e Social, todos da UFRGS.

O Levantamento Inicial tinha por objetivo identificar características comuns entre os grupos, funcionando como uma forma de mapear os principais problemas e identificar o perfil socioeconômico geral das organizações. Embora o levantamento de dados por meio de questionários seja amplamente utilizado nas ciências sociais para mapear características e tendências de grupos sociais em larga escala (Babbie, 1999), o MNCR trouxe uma particularidade importante para a elaboração da pesquisa: a necessidade de “dar voz” às trabalhadoras e aos trabalhadores dos galpões de reciclagem.

Assim, se em um primeiro momento a ideia era realizar um levantamento geral somente com as lideranças – em vista da impossibilidade de aplicar o questionário com todos os trabalhadores de cada galpão – tornou-se necessário complementar a metodologia por meio de um momento de escuta coletiva, denominado *Perguntas de Aprofundamento*.

A partir dessa metodologia, criou-se o instrumento para analisar cinco eixos das organizações: Organização do Trabalho, Organização da Produção, Gestão Financeira, Comercialização e Articulação Política e Social. Cada um desses eixos representava pontos de aprimoramento das organizações, sendo a pontuação atribuída a partir da média das autopercepções das lideranças, variando de 1 a 4 pontos, complementadas qualitativamente pelo momento de escuta coletiva.

Embora se tratasse de uma metodologia de pesquisa, percebemos que a forma como a pesquisa estava sendo conduzida era um fator central para os dados que seriam levantados. Uma de nossas principais preocupações, enquanto pesquisadores, era quanto à “utilidade” dos dados, isto é, se os resultados desta pesquisa representariam uma vantagem para o movimento na luta pela reivindicação de direitos ou se acabariam reproduzindo estereótipos associados à categoria das catadoras(es). Pouco a pouco percebemos que a situação era bem mais complexa e que, muitas vezes, uma pergunta – ou a falta dela – também nos colocava em um campo de disputa político-social. Foi nesse contexto de preocupações metodológicas e políticas que começamos a colocar o projeto em prática.

A EXECUÇÃO DO PROJETO

A execução do projeto não aconteceu de maneira isolada. Como se tratava de uma parceria com o Movimento, para a realização das entrevistas e escutas também era necessário levar em consideração os horários e a rotina das cooperativas e associações. Conjuntamente, havia o desafio de atender todas as vinte e duas organizações em Porto Alegre, localizadas de forma dispersa na cidade, distribuídas nas zonas Norte, Leste, Noroeste e Extremo-Sul.

Na prática, mesmo sendo uma iniciativa realizada a convite do Movimento, nem todas as organizações aceitaram a nossa visita. Os motivos foram variados. Algumas organizações já não tinham uma boa relação com o Movimento e, por isso, interpretamos que uma pesquisa voltada ao aprofundamento de problemas para posteriormente pensar soluções coletivas talvez não fosse de interesse desses grupos. Outras não dispunham de estrutura mínima suficiente para a realização da pesquisa. Em alguns casos, tratava-se de organizações tão vulneráveis⁶ que não seriam situações de aprimoramento da gestão, mas de assistência social, temática que fugia do propósito inicial do projeto. Por fim, algumas organizações simplesmente não responderam ao convite, totalizando onze grupos que participaram efetivamente do Levantamento Inicial.

Outro ponto operacional importante foi a formação das equipes. Dado o alto número de organizações e o fato do grupo da UFRGS ser composto por seis pessoas – quatro professores e dois bolsistas –, necessitávamos de mais pessoas para contribuir com a realização do estudo. Assim, contamos com a ajuda de uma antropóloga do Movimento e cerca de dez voluntários, oriundos de uma disciplina de extensão ministrada por uma das professoras do grupo.

A dimensão do trabalho voluntário é um ponto essencial a ser ressaltado na execução e operacionalização do projeto. Como se tratava de uma iniciativa de extensão universitária, não havia nenhuma remuneração para além do valor da bolsa de extensão, nem a possibilidade de contratação temporária de colaboradores, como ocorre em outros regimes de trabalho. Durante o andamento do projeto, frequentemente os custos de transporte até as organizações eram financiados pelo próprio salário dos professores, constituindo um desafio financeiro para a realização das visitas. Apesar dos diversos obstáculos para a realização da pesquisa, como a falta de financiamento e o objetivo ambicioso do estudo, todas as organizações que aceitaram o convite foram visitadas e escutadas.

Ao longo das visitas, pudemos observar que cada organização possuía uma história e problemas específicos, envolvendo questões relacionadas às relações entre lideranças e trabalhadores, relações institucionais, relação da organização com o território, perfil dos trabalhadores, estrutura física dos galpões e também a relação da organização com o próprio MNCR. Diante dessa diversidade de histórias e contextos, neste momento inicial a pesquisa priorizou a identificação de problemas gerais que se repetiam entre cooperativas e

⁶ Não pretendo entrar no debate sobre níveis de vulnerabilidade, aqui assumo tais organizações como “mais vulneráveis” em decorrência da presença de trabalhadores doentes fisicamente e psicologicamente, galpões sem teto, afundadas em dívidas e algumas sem qualquer tipo de renda.

associações. A pontuação registrada nos eixos de avaliação foi, em ordem decrescente:

I) Organização do Trabalho; II) Comercialização; III) Organização da Produção; IV) Gestão Financeira; V) Articulação Política e Social⁷.

Figura 1 – Fotografia de fardos armazenados em Cooperativa em Porto Alegre⁸



Fonte: Fotografia própria do grupo (2025)

A partir desses dados, identificamos alguns problemas e tendências gerais nas organizações, como galpões e maquinários deteriorados ou com falta de manutenção, baixa articulação política e social dos trabalhadores (com exceção de algumas lideranças), falta de coesão interna dos grupos, alta rotatividade de trabalhadores e dependência de “atravessadores⁹” no processo de comercialização.

Ainda que grande parte dos grupos apresentasse dificuldades estruturais e organizacionais, também identificamos aspectos positivos. Entre eles, destacam-se lideranças que atuam tanto dentro dos galpões quanto em espaços institucionais, como as sessões da Câmara Municipal de Porto Alegre, projetos sociais¹⁰ desenvolvidos em parceria com escolas

⁷ Em razão da não publicação dos dados até a escrita deste texto, não é possível revelar os números, porcentagens e nome das organizações.

⁸ Identidade da organização protegida.

⁹ Atravessadores, no contexto pesquisado, são pessoas ou grupos que atuam na cadeia de reciclagem como intermediários na venda de materiais triados, conectando catadores às indústrias recicladoras.

¹⁰ Entendo projetos sociais como: “ação social planejada, estruturada em objetivos, resultados e atividades baseados em uma quantidade limitada de recursos (humanos, materiais e financeiros) e tempo.” (Armani, 2009, p.18)

dos territórios, rotinas de trabalho bem estruturadas e organizações que atuam como centros territoriais de acolhimento e geração de renda.

Um dos principais resultados deste estudo foi evidenciar que o trabalho das catadoras(es) está longe de ser simples ou dispensável. Muito pelo contrário: o trabalho realizado nos galpões constitui a base de toda a cadeia da reciclagem e da gestão de resíduos sólidos urbanos. Entretanto, de maneira paradoxal, essa centralidade convive com uma profunda falta de reconhecimento social e institucional, evidenciada pela carência de políticas públicas voltadas à categoria e pela existência de atividades fundamentais para o funcionamento da cadeia da reciclagem que, em diversas situações, são realizadas sem qualquer remuneração.

Mais do que uma pesquisa, a execução deste projeto representa também um esforço de fortalecimento e empoderamento de uma categoria essencial do ponto de vista ambiental, mas que permanece amplamente invisibilizada e frequentemente explorada.

REPERCUSSÕES: O QUE ACONTECE DEPOIS DE UMA PESQUISA? QUAL O PAPEL DOS CIENTISTAS SOCIAIS?

Desde o início do projeto, ficou claro que a proposta era realizar um Levantamento Inicial que permitisse reconhecer a realidade das organizações e, posteriormente, servir como base para o desenvolvimento de um plano de ação voltado à transformação social, econômica e política das catadoras(es) de Porto Alegre.

Após a finalização do processamento de dados, em fevereiro de 2026, algumas possibilidades de desdobramento começaram a ser discutidas. Entre elas, destacam-se a captação de recursos por meio de editais de financiamento, o mapeamento da cadeia da reciclagem na cidade e a assessoria da universidade para o aprimoramento da gestão interna das organizações. Dessa forma, o Levantamento Inicial não representou um ponto final da pesquisa, mas o início de um novo processo, no qual os dados produzidos passaram a orientar discussões e estratégias de ação voltadas ao fortalecimento das organizações e da própria categoria das catadoras(es).

Nesse contexto, o papel dos cientistas sociais se mostra fundamental. Em situações como essa, a pesquisa tem a função de subsidiar políticas públicas, orientar projetos, fortalecer movimentos sociais e ampliar o reconhecimento social de determinadas categorias. Mais do que produzir diagnósticos sobre a realidade, o trabalho do cientista social envolve também a capacidade de interpretar processos complexos, articular diferentes formas de

conhecimento e contribuir para a construção de caminhos possíveis diante dos desafios identificados. Nesse sentido, a pesquisa social não se limita à descrição de problemas, mas pode atuar como instrumento para qualificar debates públicos e apoiar iniciativas coletivas voltadas à transformação social.

No caso das catadoras(es) de materiais recicláveis, esse papel se torna ainda mais evidente quando consideramos a centralidade de seu trabalho para o funcionamento da cadeia da reciclagem e, ao mesmo tempo, a histórica invisibilidade social e institucional que marca a categoria. Ao sistematizar informações sobre as condições de trabalho, os desafios organizacionais e as potencialidades das cooperativas e associações, a pesquisa contribui para tornar visíveis realidades que muitas vezes permanecem à margem das agendas públicas.

Dessa forma, experiências como a relatada neste texto indicam que a atuação dos cientistas sociais para além da universidade pode desempenhar um papel relevante – e muitas vezes essencial – na mediação entre diferentes atores sociais, na produção de diagnósticos qualificados e na construção de estratégias de intervenção baseadas em evidências empíricas. Ao mesmo tempo, reforçam a ideia de que a pesquisa social não se encerra na publicação de resultados, mas continua na medida em que os conhecimentos produzidos circulam e contribuem para ampliar as possibilidades de ação coletiva e de transformação das realidades investigadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência relatada ao longo deste texto como bolsista de extensão, busquei evidenciar como a atuação dos cientistas sociais pode se materializar para além dos espaços tradicionais da academia, especialmente quando realizada por meio da extensão universitária e do trabalho em parceria com movimentos sociais.

A realização do Levantamento Inicial junto às cooperativas e associações de catadoras(es) de Porto Alegre permitiu não apenas compreender aspectos organizacionais, produtivos e políticos desses empreendimentos, mas também refletir sobre os próprios desafios de conduzir uma pesquisa em contextos marcados por desigualdades sociais, vulnerabilidades territoriais e disputas por reconhecimento. Durante esse processo, tornou-se evidente que a produção de dados e diagnósticos não é neutra. A forma como as perguntas são formuladas, os instrumentos são aplicados e os resultados são interpretados também faz parte de um campo de disputas sociais e políticas que envolve diferentes atores e interesses.

Ao mesmo tempo, essa experiência evidencia a existência de um campo profissional relevante para os cientistas sociais no mundo contemporâneo, marcado pela circulação de desinformação e por debates públicos cada vez mais polarizados. Nesse contexto, o conhecimento produzido pelas ciências sociais pode atuar como um importante aliado na mediação entre diferentes atores, saberes e perspectivas, tornando cada vez mais necessária a atuação interdisciplinar e colaborativa.

Dessa forma, mais do que encerrar um processo investigativo, o levantamento realizado representa um ponto de partida para novas iniciativas e reflexões sobre o papel dos cientistas sociais na sociedade. Em contextos marcados por problemas sociais complexos, a atuação desses profissionais pode contribuir não apenas para compreender a realidade, mas também para ampliar as possibilidades de transformação social por meio do diálogo entre universidade, movimentos sociais e poder público.

REFERÊNCIAS

ARMANI, Domingos. **Como elaborar projetos sociais: guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais**. 9. ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009.4

BABBIE, Earl. **Métodos de pesquisa de survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEITE, Marcia de Paula. **A economia solidária e o trabalho associativo: teorias e realidades**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 31–51, 2009.

Artigo recebido em 10/02/2026.

Aprovado em 20/04/2026.